

Arte, Política e Ritual do Povo Kariri-Xocó: fotografias e narrativas de encontros com escolas

Karina Miki Narita*

Alik Wunder**

* Karina Miki Narita é Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. Endereço eletrônico: kmnarita@hotmail.com. Este artigo é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso denominado *Encontros com o povo Kariri-Xocó: imagens, narrativas e sutilezas*.

** Alik Wunder é Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. Docente do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, ligada ao Laboratório de Estudos Audiovisuais — Olho. Endereço eletrônico: alik.wunder@gmail.com.

Resumo |

Como inventar roteiros de encontros com povos originários nas escolas e nas universidades? Como criar condições de percepção das forças indígenas que se expressam nos diversos movimentos artísticos contemporâneos? Esta pesquisa produziu pensamentos sobre a inserção da temática indígena na escola a partir de encontros com o grupo Sabuká Kariri-Xocó (Alagoas) e escolas da rede da cidade de Campinas (SP). A criação fotográfica se fez como metodologia da pesquisa e possibilitou a produção de imagens e pensamentos acerca da potência estética do trabalho do grupo Sabuká em seus encontros com crianças, adolescentes, adultos, idosos, professores e estudantes universitários para divulgação da cultura e da luta política de seu povo. Por meio de rodas de conversas, oficinas de pintura corporal, cantos e danças (Toré), o grupo tornou mais complexos e atuais os conhecimentos sobre o povo Kariri-Xocó e demais povos indígenas brasileiros. Os encontros também possibilitaram discussões sobre os direitos humanos, direito indígena e o respeito à diversidade étnica sob a perspectiva do povo Kariri-Xocó. Os indígenas não separam educação, arte, política e ritual, quando cantam e dançam, educam e fazem política, quando nos pintam, chamam-nos para sua luta, fazem despertar nossas ancestralidades indígenas e nos fazem lembrar que também fazemos parte desta história. Assim, as manifestações artísticas do grupo foram consideradas como dimensões, ao mesmo tempo, políticas e estéticas. As pesquisadoras buscaram, por meio da criação imagética, aproximar-se do universo cultural do povo Kariri-Xocó e deixar-se transformar pelos encontros com suas narrativas e visualidades.

Palavras-chave: Kariri-Xocó; Temática indígena; Escola.

Encontros com o povo Kariri-Xocó

Quando estamos na cidade com vocês, estamos o tempo todo em ritual
(Pawanã Crody, pajé e cacique do grupo Sabuká)

Como inventar roteiros de encontros com povos originários nas escolas e nas universidades? Como criar condições de percepção das forças indígenas que se expressam nos diversos movimentos políticos e artísticos contemporâneos? Ampliar nossas capacidades de percepção das forças indígenas e afro-brasileiras na educação, na pesquisa e nas artes é um dos desafios do Coletivo Fabulografias, grupo de pesquisa e criação ligado ao Laboratório de Estudos Audiovisuais — OLHO (Faculdade de Educação — Unicamp).

Desde 2012, recebemos em Campinas o grupo Sabuká, formado por integrantes da aldeia Kariri-Xocó localizada nas margens do Rio São Francisco (Porto Real do Colégio, Alagoas). Anualmente, grupos Kariri-Xocó deslocam-se da aldeia para diferentes cidades do Brasil com o objetivo de divulgar seus pensamentos, cantos, danças, rituais, objetos artísticos, como forma de subsistência e também de fortalecimento da luta política pelo direito às suas terras demarcadas.

O grupo Sabuká é formado por 12 pessoas: homens, mulheres e crianças de uma mesma família, liderados por Pawanã Crody, que também é um dos pajés da etnia Kariri-Xocó. Desde 1995, realizam anualmente atividades educacionais e culturais em São Paulo e em outros estados, em geral no mês de abril, quando, em geral, a temática indígena ganha visibilidade na cultura escolar devido às comemorações do “Dia do Índio”. O acolhimento do grupo na cidade de Campinas se dá por meio da Rede de Apoio ao Povo Kariri-Xocó, formada desde 2013 por diversas pessoas (professores, estudantes, servidores públicos e artistas) e instituições (sindicatos, universidades, escolas públicas e particulares e coletivos culturais). A Universidade Estadual de Campinas faz parte dessa rede via projetos de extensão formalizados pela Faculdade de Educação e

financiados pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários desde 2015. O projeto de extensão “Toré, Encontros com o povo Kariri-Xocó” possibilita a realização de atividades culturais na forma de encontros entre estudantes, professores e o grupo indígena Sabuká em diversos espaços culturais, projetos sociais, escolas públicas e particulares e na Unicamp.

Por meio destes encontros, estamos lentamente adentrando no universo imagético e artístico do povo Kariri-Xocó que nos vem especialmente pelas pinturas corporais, cantos e narrativas que compõem suas cosmovisões. Enquanto eles nos oferecem seus rituais, nós oferecemos nossos modos de criação com imagens em oficinas de experimentação fotográfica e de vídeo¹. As imagens são concebidas como travessias silenciosas, como possibilidade de cohabitarmos mundos distintos no ato de criação conjunta. São imagens como superfícies de passagem daquilo que provém dos encontros.

Dentre os 254 povos indígenas do Brasil, os Kariri-Xocó e demais povos indígenas nordestinos estabeleceram contato com os não indígenas desde os primeiros anos da colonização. Vivenciaram seculares processos de violência física e simbólica que modificaram seus modos de vida e produziram intensas mudanças identitárias. Com os direitos indígenas consolidados na Constituição Federal de 1988, tiveram suas terras demarcadas em 1993 e puderam se reconhecer como Kariri-Xocó, não mais como caboclos ou *índios*. O processo de demarcação possibilitou o fortalecimento de suas tradições, rituais e modos de vida. No entanto, a violência física e simbólica, infelizmente, não é um fato do passado. Atualmente, grande parte de suas terras demarcadas estão ocupadas por grandes fazendeiros e posseiros, que realizam manejo predatório das áreas de caatinga para atividades pecuárias. Os moradores da aldeia não possuem área suficiente para construção de novas moradias e para

¹ As oficinas de criação imagética têm sido realizadas pelo Coletivo Fabulografias e pelo Coletivo Audiovisual Vai Jão, que também integra a Rede de Apoio ao Povo Kariri-Xocó.

plântio devido à ocupação ilegal de seu território e à lentidão do processo de homologação da terra indígena Kariri-Xocó. Nos últimos três anos, o povo Kariri-Xocó iniciou a mobilização para a retomada de áreas invadidas como forma de pressão política para que o Estado tome iniciativas para a regulamentação de seu território tradicional.

O movimento para as cidades como forma de sobrevivência e fortalecimento político é um acontecimento recente, iniciado em meados da década de 90, quando os Kariri-Xocó se fortaleceram com a demarcação de suas terras e com as políticas sociais de distribuição de renda. Desde o início das mobilizações das retomadas em 2014, as atividades realizadas pelo grupo Sabuká fora da aldeia são consideradas por eles como parte de sua luta política pelo direito à terra. A presença do grupo em outras cidades possibilita a divulgação das diversas formas de opressão e injustiça que seu povo e demais povos indígenas têm vivido no entorno dos processos de demarcação de terra, bem como possibilita o apoio institucional e jurídico à sua luta.

Movimentando imagens escolares

Os integrantes do grupo Sabuká, quando visitam uma escola, oferecem narrativas, saberes, práticas culturais e artísticas de seu povo e colocam em questão a imagem genérica do “índio brasileiro” que a escola e nossa sociedade colonial construíram secularmente. O pensador indígena Gersem Baniwa escreve sobre as duas principais perspectivas que configuram a imagem do “índio escolar”:

A primeira diz respeito à antiga visão romântica sobre os índios, presente desde a chegada dos primeiros europeus ao Brasil. É a visão que concebe o índio como ligado à natureza, protetor das florestas, ingênuo, pouco capaz ou incapaz de compreender o mundo branco com suas regras e valores. O índio viveria numa sociedade contrária à sociedade moderna. [...] A segunda perspectiva é sustentada pela visão do índio cruel, bárbaro, canibal, animal selvagem, preguiçoso,

traíçoeiro e tantos outros adjetivos e denominações negativos (BANIWA, 2006, p. 35).

Estas imagens construídas marcam a ideia de que os indígenas são povos sem história, sem saberes e sem qualquer traço de diversidade cultural e linguística. O pensador e escritor indígena Daniel Munduruku escreve:

Os manuais didáticos, em sua maioria, ajudam a formar uma visão distorcida sobre os índios, pois trazem uma imagem estereotipada: os nativos são sempre apresentados como seres que vivem nus, nas matas, habitando em ocas ou tabas e que cultuam diversos deuses, entre os quais Tupã. O que esse tipo de informação pode gerar? Normalmente gera sentimentos equivocados, preconceitos e, por conseguinte, um comportamento discriminatório, típico de pessoas que têm opinião arbitrária sobre um grupo ou pessoa que se destaca pela diversidade cultural (MUNDURUKU, 2000, p. 21).

O estereótipo é um modo de fixar o outro em uma imagem para melhor o controlar e de não adentrar nos traços da diferença que nos inquieta, transforma e mobiliza. A multiplicidade de mundos e de humanidades que as diferentes etnias indígenas nos oferecem é o que a escola e nossa sociedade sempre negaram. A cristalização da identidade indígena sem reconhecer suas dinâmicas de transformação e a visão evolucionista que coloca o indígena no passado são também modos de produzir essa imagem estereotipada. Esses modos de dar visibilidade apagam múltiplas imagens que se fazem nos diversos movimentos indígenas contemporâneos, nos seus complexos processos de reinvenção identitária, nas cosmovisões e experiências com o sagrado, nos modos de vida de cada etnia e nas expressões estéticas e poéticas no cinema, na literatura, na música...

Pensadores como Daniel Munduruku e Gersem Baniwa defendem que os indígenas sejam reconhecidos por sua singularidade étnica, como povo Munduruku, Baniwa, Kariri-Xocó, Guarani, Kaingang, Huni Kuin, e não como *índios*. Que os indígenas sejam reconhecidos como sujeitos

políticos e de direitos a terra demarcada, aos seus modos de vida, de organização social, de educação... E que sejam reconhecidos também como sujeitos com direito ao acesso a outras culturas, conhecimentos e tecnologias. Neste último aspecto, em especial, destacam a importância de as culturas indígenas serem consideradas como múltiplas e dinâmicas, em constante transformação pelos encontros e idiossincrasias de cada povo e de cada experiência de vida. Nenhuma cultura torna-se estagnada ao longo da história; a cultura é viva, assim como as pessoas.

Iara Tatiana Bonin (2010) aposta na mudança desse tratamento aos povos indígenas na rede das temáticas escolares e convida-nos a pensar sobre outras maneiras de se abordar a questão indígena a partir do conceito de diferença. Considera que é importante reconhecer que não é dado a nós, não indígenas, o direito de demarcar limites identitários desses diferentes povos, definindo como o *outro* deve ser. A educação que se abre à diferença seria aquela que faz um gesto de escuta, de aceitação da multiplicidade e da variação identitária dos diversos povos indígenas, e que faz uma revisão de seus próprios regimes conceituais, a partir do encontro com este, que denomina o *outro*.

Os Kariri-Xocó nos dizem: “Nós somos reais. Os *índios* que vocês aprendem nos livros escolares não são”. Os Kariri-Xocó afirmam, nas escolas, uma presença indígena viva e dinâmica, uma identidade em movimento, em constante reinvenção em meio às forças da tradição e dos tempos contemporâneos. O povo Kariri-Xocó e demais povos indígenas nordestinos são um exemplo de grande capacidade de resistência e reinvenção identitária. Sobreviventes de diversos momentos históricos de colonização, mantiveram e ressignificaram suas culturas e valores ancestrais fora de suas terras tradicionais. Durante séculos, devido ao preconceito e perseguição, tiveram que esconder sua nomeação étnica e auto-denominaram-se *caboclos*. Sem território demarcado, passaram a viver em áreas urbanas e a trabalhar em regime de semiescravidão para fazendeiros locais. Nas narrativas do povo Kariri-Xocó, a realização do ritual do Ouricuri nunca foi abandonada por eles. Os

rituais da Jurema (planta sagrada) e os Torés secretos do Ouricuri sempre foram a base da resistência desse povo às transformações dos modos de vida forçadas pela ocupação de suas terras. Para eles, ser Kariri-Xocó envolve o conhecimento dos rituais do Ouricuri, espaço e tempo reservado apenas àqueles que nasceram nas relações familiares da aldeia. A presença e resistência identitária dos Kariri-Xocó expressam toda a complexidade dos povos indígenas em contatos seculares com a cultura ocidental, pelo atravessamento de outras identidades em seus modos de ser e viver e pela preservação daquilo que os mantém ligados aos saberes e práticas tradicionais.

1. Os encontros e a fotografia — proliferações criativas

O grupo Sabuká traz para as escolas suas narrativas, seus valores, seus pensamentos e suas expressões rituais de diversas formas. As cosmovisões Kariri-Xocó expressam-se em diversas dimensões estéticas que potencializam os encontros. Nesta pesquisa, concentramos a atenção em quatro aspectos do trabalho do grupo: as pinturas corporais, os objetos patrimoniais (cocares, colares, maracás, arco e flecha, flautas, apitos) e os cantos e danças. Essas expressões estéticas guiaram os olhares e criações fotográficas da pesquisadora Karina Miki Narita, que buscou expressar, pelas imagens, as ressonâncias de seus encontros com o grupo Sabuká. Em nossas pesquisas no Coletivo Fabulografias, a experimentação artística é reconhecida como um modo de pensar. Com a arte e com as imagens, seguimos desejando os contágios proliferadores da diferença e a fértil instabilidade do pensamento e das identidades e subjetividades em aberto. Temos criado movimentos de pesquisa e extensão que borram as fronteiras entre a arte e a educação, entre a arte e a pesquisa, uma aposta política que resiste à ideia de que a arte e a ficção são oposições ao que aprendemos a chamar de realidade. A pesquisa não é compreendida como modo de apreender a realidade, mas como um modo de encontrar com pessoas, com imagens, com palavras e

sons, reconhecendo-os como intercessores do pensamento assim como as leituras teóricas e conceitos que delas provêm.

O ato de fotografar pode ser interpretado como captura (como em uma caça) e, conseqüentemente, favorece a consolidação de uma imagem fixa da identidade de um povo: um estereótipo. Em uma sociedade inundada por imagens, a fotografia é facilmente compreendida como um instrumento preciso e infalível para se reproduzir visualmente o mundo. Nesta pesquisa, buscamos ampliar as possibilidades da fotografia, reconhecendo-a menos como arte da captura e da reprodução e mais como uma arte da proliferação criativa, menos como desejo de retenção do *outro* e do passado e mais como uma forma de expressão do encontro com o *outro*.

Inspiramo-nos, para a pesquisa, no trabalho da fotógrafa húngara Claudia Andujar, que conviveu por mais de 30 anos, desde 1970, com os Yanomami e produziu um grande acervo fotográfico deste povo. Andujar, além de trabalhar artisticamente com os Yanomami, também se envolveu profundamente na luta pela criação da terra indígena Yanomami, demarcada em 1991 no norte do estado do Amazonas. Desde sempre, reconheceu que a fotografia em sua vida não se tratava unicamente de uma forma de expressão artística mas também de autoconhecimento, uma ferramenta para conhecer o país e a si mesma. “A fotografia entrou na minha vida como uma nova forma de conversar comigo e com os outros; uma maneira de me sociabilizar à procura da solidariedade com populações minoritárias e marginalizadas” (ANDUJAR, 2008, p. 19). Nos últimos anos, a fotógrafa faz contínuas recriações com as imagens de seu acervo, e produz novas imagens a partir de sobreposições e interferências sobre luzes e sombras que intensificam a potência da fotografia como invenção. Há neste movimento da artista com a fotografia e com os indígenas um modo singular de encontrar e criar.

As fotografias de Andujar não desejam dizer nem de si nem do outro, mas de uma terceira via que se faz no encontro de mundos, no

entre-mundos. O encontro cultural, epistemológico e estético se dá nessa diferença pura, intransponível, sem possibilidade de comunicação direta e compreensão total. A força das imagens de Andujar está na sua vulnerabilidade, nas transformações que se deram pela interferência dos modos de existência Yanomami. Essa força arrancou a fotografia do seu lugar seguro, deixou-as vulneráveis, assim como ficaram (e estão) os Yanomami em decorrência do contato. Suas fotografias não capturam; projetam novas luzes no mundo, as luzes-saberes-cosmovisões do povo Yanomami.

Apresentamos abaixo um breve ensaio fotográfico realizado por Karina Miki Narita (NARITA, 2016) sobre as quatro dimensões estéticas: ritual de cantos e danças, encontro com os objetos patrimoniais indígenas e ritual de pintura corporal. Os ensaios imagéticos e poéticos foram mobilizados pelos encontros e pelas narrativas ouvidas, em especial de Pawanã Crody nas escolas. Os ensaios imagéticos se fazem na relação entre a criação fotográfica dos encontros e intervenções experimentais como recortes, justaposições, raspagens, desenhos sobre fotografia e escrita poética. Na fotografia experimental, o fotógrafo “[...] interfere explicitamente e manipula seu equipamento de modo a criar imagens não figurativas de conotação estética” (WUNDER; DIAS, 2011, p. 96). É possível evidenciar a manipulação do fotógrafo rasgando, raspando, molhando, queimando, recortando, amassando a ampliação e, novamente, fotografando-a em outros contextos. Nesse caso, a fotografia passa a não mais ser registro documental, e sim algo atemporal e sensório. Pode-se assim transformar a ideia de “ficar para trás” das câmeras e de minimizar as evidências de manipulação e participação nas imagens que registramos com a câmera fotográfica. “Ficar para trás” para acentuar a importância do referente na elaboração daquela fotografia; “ficar para trás” e obter imagens literais do outro lado da janela, a realidade visível, com base de critério de semelhança entre imagem e mundo. O que parece ficar para trás não significa se separar, pois com a câmera podemos nos aproximar e trazer algo de nós. “Cada foto, de fato, reflete a atitude de quem a tirou” (WENDERS, 2013, p. 64). A atitude, o

desejo, a escolha, a intenção; coisas que estavam “atrás” deixaram vários vestígios no processo de criação. Reconhecemos a fotografia experimental como potencial de expressão de pensamentos, ao mesmo tempo, poéticos e políticos, por potencializarmos as interferências subjetivas daquele que fotografa: o pesquisador que olha, fotografa e cria.

Primeiro ensaio: ritual de cantos e danças

Os invasores portugueses tentaram silenciar os povos indígenas, mas o canto persistiu na forma de resistência. Os Kariri-Xocó estão em luta pela retomada das suas terras tradicionais concentradas nas mãos de grandes fazendeiros. Nos encontros, nós cantamos e dançamos em apoio a essa luta. Ao nos ensinar a dançar, Pawanã Crody dizia: “Ao bater os pés no chão, abracem a terra”. A imagem “Moviplantar dos pés” foi criada buscando trazer esta relação sagrada e delicada dos pés com a terra durante os cantos e danças do Toré.

Fig. 01: “Moviplantar dos pés”, raspagem, escrita e sobreposição.



Fonte: Narita (2016, p. 82)

Fig. 02: cacique Pawanã Crody Kariri-Xocó, líder dos cantos de Toré. Raspagem.



Fonte: Narita (2016, p. 77)

Fig. 03: estudantes de Ensino Médio de uma escola pública de Campinas.



Fonte: Narita (2016, p. 83).

Segundo ensaio: encontro com os objetos patrimoniais indígenas

Nos encontros com os objetos patrimoniais indígenas, foi possível ver a relação dos Kariri-Xocó com seus objetos. A beleza na cultura indígena é quando um objeto está onde deveria estar, cumprindo sua função. Os objetos não são por si belos, eles são belos na relação e no uso.

Fig. 04: Objetos patrimoniais indígenas dos Kariri-Xocó. Cocar, pawy e borduna.



Fonte: Narita (2016, p. 64).

Fig. 05: uso do objeto patrimonial Kariri-Xocó, o *pawy*.



Fonte: Acervo pessoal- Alik Wunder.

Fig. 06: uso dos objetos patrimoniais Kariri-Xocó nos encontros.



Fonte: Narita (2016, p. 63, 65, 66).

Terceiro ensaio: ritual de pintura corporal

Na pintura corporal, nada se lia ou se decifrava. Sentia-se. E deixávamos acontecer. A pele recebia estes grafismos estranhos, mas que ficavam marcados para além da pele.

Fig. 07: pintura corporal com o grupo Sabuká. Raspagem e sobreposição.



Fonte: Narita (2016, p. 53).

Fig. 08: pintura corporal com o grupo Sabuká. Despertar e florescer. Sobreposição e justaposição.



Fonte: Narita (2016, p. 52).

Fig. 09: pintura corporal com o grupo Sabuká.



Fonte: Narita (2016, p. 54).

Fig. 10: pintura corporal de curumim Kariri-Xocó em uma participante.



Fonte: Narita (2016, p. 60).

Fig. 11: pintura corporal com o grupo Sabuká. Conexão com as pessoas, a cultura indígena, a beleza, a ancestralidade. Justaposição.



Fonte: Narita (2016, p. 55).

Fig. 12: pintura corporal com o grupo Sabuká. Justaposição.



Fonte: Narita (2016, p. 55).

Entre-imagens, entre-mundos

Os Kariri-Xocó sempre convidam a todos para vivenciarmos juntos os rituais indígenas. Dançamos juntos, cantamos juntos, pintamo-nos juntos. Há encontros de saberes, de culturas, de pessoas. Um encontro, sobretudo, educacional e poético: um *acontecimento* que nos deu oportunidade de experimentar a aprendizagem do novo, do inédito e do estranho, com novas categorias e com uma nova linguagem. Ele *aconteceu* e não nos deixou igual, pois rompeu com a continuidade do tempo, da história e do tempo pessoal vivido (BARCENA; VILELA, 2006).

Acreditamos nestes modos de encontrar e aproximar os povos indígenas dos ambientes escolares e universitários. A dimensão poética dos encontros permite compreender que as experiências não possuíam qualidades classificatórias e determinantes, mas deixavam novas e múltiplas significações da realidade em aberto.

Pelo poético, no seu próprio interior, o mundo começa. Ainda que seja algo fulgurante, algo aparentemente insignificante e contraditório, uma relação poética é uma relação de liberdade. Porque é no poético que o olhar capta o próprio instante daquilo que surpreende, que a educação abandona as antigas e atuais pretensões de conduzir o olhar do outro numa direção correta,

previamente definida, para converter-se no acontecimento de um olhar partilhado (BARCENA; VILELA, 2006, p. 16).

Esses acontecimentos são, muitas vezes, inefáveis, mas a certeza desta sensação transformadora em cada um existe, ampliando-nos para a aprendizagem do surpreendente e de outros entendimentos.

Os encontros com o povo Kariri-Xocó possibilitam outra forma de pensar a temática indígena nas escolas; em como as manifestações estéticas e artísticas podem ser também reconhecidas como dimensões políticas. Os indígenas não separam o político do artístico e do ritualístico; todas essas dimensões estão relacionadas entre si. Quando dançam, fazem política; quando nos pintam, chamam-nos para sua luta. Fazem despertar em nós os indígenas e lembrar que também fazemos parte desta história. As oficinas de dança, de canto e de pintura corporal nas escolas, na universidade e nos espaços urbanos foram rituais em um contexto fora da aldeia e promovidos pelos próprios Kariri-Xocó em nossos lugares de estudo, de trabalho e de socialização.

Nesta pesquisa, a produção fotográfica não se preocupou em documentar e dizer como o *outro* é, e sim em expressar sensações de um encontro. São imagens atravessadas pela vivência de uma experiência única: ao mesmo tempo em que contam uma história aparentemente alheia, contam a história dos encontros com o grupo Sabuká. Estas possibilidades de pesquisa e criação fotográfica conferem prioridade à interferência do fotógrafo, nos efeitos visuais referidos à sua própria sensibilidade. A criação imagética, nesta pesquisa, foi vivenciada na forma de uma ritualística do encontro, na qual o *outro* foi a força e expressão de um outro mundo possível, o mundo Kariri-Xocó que se abriu a nós por meio de uma experiência estética. As imagens convidam-nos a não apenas olhar com o contato visual mas também a ampliar as possibilidades e reconhecer cheiros, ouvir risos e os sons das palavras, assistir a movimentos dos corpos e da palavra-gesto, sentir a temperatura do dia. “A imagem não explica: convida-nos a recriá-la e

literalmente a revivê-la” (CAIUBY, 2008, p.137). O político e poético também se fizeram nestas criações que não desejaram o conhecimento e apreensão dos indígenas por meio das imagens. As imagens foram a possibilidade de expressar o *acontecimento* que se deu no cruzamento de olhares e imagens: a fotografia, as imagens que provêm das pinturas corporais, dos objetos patrimoniais, dos cantos, das narrativas e das danças. A criação fotográfica buscou expressar o encontro de imagens, entre-imagens, e se fez uma terceira via, a via do encontro entre mundos possíveis de serem partilhados, entre-mundos.

Referências

- ANDUJAR, Cláudia; PERSICHETTI, Simoneta. **Claudia Andujar**. São Paulo: Lazuli Editora; Companhia Editora Nacional, 2008.
- BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: Ministério de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2006.
- BARCENA, Fernando; VILELA, Eugenia. Acontecimento. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (org). **Dicionário de filosofia da educação**. Porto: Porto Editora, 2006. p. 11-16.
- BONIN, Iara Tatiane. Povos Indígenas na rede das temáticas escolares: o que isso nos ensina sobre identidades, diferenças e diversidade? In: **Currículo sem Fronteiras**, v.10, n.1, p. 73-83, jan./jun. 2010.
- COUTO, Mia. As vozes da Foto. In: **Pensatempos: texto de opinião**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2005.
- MUNDURUKU, Daniel. **Banquete dos Deuses**: conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo. Angra, 2000.
- NARITA, Karina Miki. **Encontros com o povo Kariri-Xocó**: imagens, narrativas, olhares e sutilezas. 2016. 96 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000978227&opt=1>. Acesso em: 20 dez. 2018.

WENDERS, Wim. Uma vez. In: **Revista Zum**. São Paulo, n.4, p. 46-65.
2013

WUNDER, Alik; DIAS, Susana Oliveira. Fabulografias: in-ventar por
áfricas-cartões-postais. In: AMORIM, Antonio Carlos; MARQUES, Davina;
DIAS, Susana Oliveira (Org.). **Conexões**: Deleuze e vida e fabulação e...
Petrópolis: De Petrus, 2011. p. 89-102.

Abstract |

How to invent scripts for encounters with native peoples in schools and universities? How to create conditions of the indigenous forces that are expressed in the diverse contemporary artistic movements? This research has been about the insertion of the indigenous theme in schools after meetings with the group Sabuká Kariri-Xocó (state of Alagoas) and public and private school members in the city of Campinas, state of São Paulo. Photographic creation was the selected research methodology and it enabled the production of images and thoughts about the aesthetic force of the Sabuká group in their meetings with children, adolescents, adults, elderly people, teachers and university students whose aim was to disseminate the culture and political struggle of their people. By means of conversation circles, body painting workshops, songs and dances (Toré), this group made the knowledge about the Kariri-Xocó people and other Brazilian indigenous peoples more complex. The meetings also allowed for discussions on human rights, indigenous rights and respect for ethnic diversity from the perspective of the Kariri-Xocó people. The Kariri-Xocó people do not separate education, art, politics and rituals. When they sing and dance, they educate and work on politics.-When they paint us, they call us to join their struggle, awaken our indigenous ancestralities and remind us that we are also part of this history. Thus, the artistic manifestations of the group were simultaneously thought of as political and aesthetic dimensions. As researchers, through imagery creation, we have sought an approximation of the cultural universe of the Kariri-Xocó people, by allowing transformations in the encounters with their narratives and visualities.

Keywords: Kariri-Xocó; Indigenous themes; School.